

DE OLHO NO FUTURO

Sem acordo, PMDB e PFL disputarão Senado

Tentativa de pacificação feita por Fernando Henrique fracassa e Íris Rezende e Antônio Carlos Magalhães entram em campanha por lugar de Sarney complicando futuro da emenda da reeleição

CHRISTIANE SAMARCO

BRASÍLIA — Fracassou a tentativa do presidente Fernando Henrique Cardoso de pacificar os aliados do PMDB e do PFL, às turras por conta das disputas pelas presidências da Câmara e do Senado. A executiva nacional do PMDB decidiu ontem, por unanimidade, apoiar a candidatura do senador Íris Rezende (PMDB-GO) contra o pefelista Antônio Carlos Magalhães (BA) na briga pelo comando do Senado e complicou ainda mais o projeto da reeleição-já.

Na véspera da reunião da executiva, Fernando Henrique entrara em campo em defesa do entendimento entre os dois partidos, fundamental para aprovar a emenda da reeleição. Em conversa com o presidente do PMDB, deputado Paes de Andrade (CE), registrou a preocupação com a desagregação da base governista no Congresso, e fez um apelo em favor do acordo. "O presidente pediu que a nossa convivência seja pelo fortalecimento da unidade dessas forças", contou Paes.

A represália do PFL contra o PMDB veio em seguida. O partido

oficializou a candidatura Antônio Carlos, e este começou o dia com um telefonema para a governadora Roseana Sarney (MA), para agradecer o voto a ele que ela pediu ao pai, o presidente do Congresso, José Sarney (PMDB-AP). Em seguida, o PFL filiou o senador Gilberto Miranda (AM), que deixou o PMDB e inverteu o placar: o PFL passa a ter 23 senadores, contra 22 do PMDB, cumprindo o regimento que dá a presidência à maior bancada.

Respeito — "Se não respeitaram a nossa maioria, por que respeitá-
mos a deles?", perguntou o líder do PMDB no Senado, Jáder Barbalho (PA), articulador da candidatura Íris. Jáder avalia que a chance de entendimento não passa de uma em dez. Temerosos de uma ação do Pla-

nalto em favor de Antônio Carlos, os dirigentes do PMDB decidiram ontem vincular o cronograma da reeleição ao das disputas pelo comando do Congresso.

Paes anunciou que os seis representantes do PMDB na comissão especial da reeleição decidiram votar a emenda só depois da convenção nacional do partido, 12 de janeiro. O objetivo é forçar o Planalto a intervir em favor do cumprimento do acordo com o PFL na Câmara, para eleger o líder Michel Temer (PMDB-SP)

sucessor de Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA). Um ministro diz que o Planalto está "apavorado" com a convenção que estaria sendo monta-

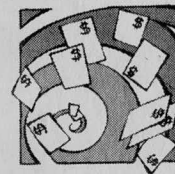
da para dar palanque aos opositores da privatização da Vale do Rio Doce e da reeleição.

"Sem o PMDB, eles não têm votos para aprovar a emenda", sentenciou Paes. "E mesmo depois do dia 12, o PMDB só votará a reeleição quando o problema das presidências da Câmara e Senado estiver resolvido", emendou Jáder. "Se o PMDB

já não é bem tratado por um governo que quer a reeleição, imagine o que fará no day after."

Apontado como fiel da balança numa disputa equilibrada entre PFL e PMDB no Senado, o PSDB vai empurrar com a barriga sua decisão. À exceção do senador Carlos Wilson (PE), que já manifestou apoio a Antônio Carlos, os tucanos querem cozinhar a disputa em banho-maria. "Ninguém briga na véspera", justificou um dirigente do PSDB.

Um aliado do Planalto revelou que os presidentes da Câmara, Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA), e do Senado, José Sarney, fecharam acordo ontem para eleger primeiro o presidente do Senado, deixando que os deputados decidam depois. O futuro de Michel Temer depende do sucesso de Antônio Carlos no Senado.



TUCANOS
EVITAM
ENTRAR NA
BRIGA